



Oficinas de promoção do protagonismo feminino: caminhos para a valorização de mulheres rurais

Workshops for the promotion of female protagonism: paths for the valorization of rural women

Verônica Bogado Camporezi

veronicacamporezi23@hotmail.com

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Santa Helena, Paraná, Brasil

Alessandra Matte

amate@utfpr.edu.br

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Santa Helena, Paraná, Brasil

Talia Callegaro de Jesus

taliacallegaro@hotmail.com

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Santa Helena, Paraná, Brasil

RESUMO

Este artigo explora o potencial das redes de diálogo como ferramentas de valorização das mulheres rurais e de superação da tradicional marginalização destas no campo. A hipótese norteadora é a de que quando dadas as oportunidades de coproduzir soluções de maneira participativa e em um ambiente propício, as mulheres conseguem articular e expressar seus desafios e visualizar futuros desejáveis. Para isso, o projeto de extensão consistiu na construção de espaço de diálogo entre mulheres rurais, por meio de métodos participativos. Os resultados confirmam essa hipótese na medida em que as mulheres vivenciam e executam essas premissas nos espaços de diálogo estabelecidos. As recomendações são para o fomento de ações e políticas que propiciem ambientes em que mulheres possam ressignificar seu papel na sociedade e no núcleo familiar.

PALAVRAS-CHAVE: Autonomia. Empoderamento. Inclusão. Agentes de desenvolvimento. Valor produtivo.

ABSTRACT

This article explores the potential of dialog networks as tools for valuing rural women and overcoming the traditional marginalization of rural women in the countryside. The guiding hypothesis is that when given opportunities to coproduce solutions in a participatory manner and in an enabling environment, women are able to articulate and express their challenges and visualize desirable futures. The results confirm this hypothesis to the extent that women experience and execute these premises in the established spaces of dialog. The recommendations are for the promotion of actions and policies that provide environments in which women can reframe their role in society and in the family.

KEYWORDS: Autonomy. Empowerment. Inclusion. Stakeholders. Productive value.



INTRODUÇÃO

O lugar que mulheres ocupam nos sistemas produtivos de diferentes estabelecimentos rurais é comumente menos valorizado que os dos homens, realidade acentuada entre a categoria social de agricultores familiares no Brasil (Amorim; Fiúza; Pinto, 2015; Butto *et al.*, 2014; Costa; Bevilaqua, 2018; Spanevello *et al.*, 2021). Esse cenário é orientado, especialmente, por convenções culturais de hierarquia e de relações de poder, posicionando-as em uma espécie de sombra do companheiro. Em diferentes contextos mundiais se reconhece que a atuação das mulheres no campo é fundamental para a manutenção dos sistemas familiares produtivos, mas, dependendo das relações socioculturais das quais pertencem, elas são pouco valorizadas e reconhecidas em seu potencial de tomada de decisão, como encontrado para o Uruguai (Courdin; Litre; Correa, 2014; Litre, 2015), no México (Lisboa; Lusa, 2010; Cavallotti Vázquez *et al.*, 2013) e no Brasil (Spanevello; Matte; Boscardin, 2016; Herrera, 2019; Moraes, 2020; Spanevello *et al.*, 2021), por exemplo. Particularmente, mulheres rurais são aqui entendidas como aquelas que têm sua vida entrelaçada ao meio rural, nos aspectos produtivos, reprodutivos e socioculturais, também encontrado na literatura como mulheres agricultoras ou mulheres do campo (Sales, 2007).

De acordo com a Organização para a Alimentação e a Agricultura das Nações Unidas (FAO/ONU), de maneira geral, as mulheres rurais trabalham mais que os homens, visto que além do trabalho pago como produtoras ou agricultoras familiares, elas habitualmente são encarregadas de educação, cuidados e alimentação de seus filhos e, muitas vezes, das pessoas idosas ou em situação de dependência (ONU, 2019). Por outro lado, apesar dessa imagem de invisibilidade na produção, a realidade, mesmo que nem sempre reconhecida pelo sistema patriarcal, é que as mulheres têm protagonismo central no desenvolvimento nos núcleos familiares, nas atividades produtivas e nas comunidades rurais, uma vez que atuam nesses espaços desempenhando papéis de agregação e organização das atividades rurais (Silva *et al.*, 2015; Spanevello *et al.*, 2021).

Por isso, ações que englobam a temática de gênero, especialmente no contexto rural e em atividades diretamente relacionadas à produção de alimentos, figuram como contribuição para alcançar os desafios dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente o quinto deles, “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas”. Assim, o desafio de uma estratégia de oficinas bem sucedida com esse público possibilita fornecer condições para que estas mulheres, e para que o seu entorno familiar e comunitário, percebam a importância de sua participação nas decisões e nas ações do grupo familiar. Com isso, o fato dessas mulheres poderem expressar suas experiências, de modo a terem suas vozes ouvidas, permite também que o processo de empoderamento ocorra a partir de suas próprias reflexões, isto é, a partir de como se percebem e entendem o mundo que integram, compreendendo sua importância, e consequente valorização na esfera rural.

Diante disso, essa ação de extensão buscou aliar os conceitos de reconhecimento produtivo e coprodução de conhecimento para refletir e promover autonomia em mulheres rurais. Portanto, buscamos compreender como os processos de coprodução de conhecimento se traduzem em produtos ou resultados específicos em pesquisas aplicadas por meio de ações de extensão.

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo trata-se do resultado da observação participante por meio do desenvolvimento de um projeto de extensão que tem como princípio norteador a coprodução de conhecimento, uma vez que os pesquisadores se envolveram no trabalho de forma cooperativa, baseados em processos de autorreflexão coletiva. Conforme Hernández Sampieri *et al.* (2000, p. 419), a observação não é uma mera contemplação,



implica entrar profundamente em situações sociais e manter um papel ativo, assim como “uma reflexão permanente, atento aos detalhes, acontecimentos, eventos e interações”.

Partindo desse entendimento, as atividades do projeto de extensão ocorreram no município de Santa Helena, no Oeste do estado do Paraná, Brasil (Figura 1). O grupo de atores envolvidos da atividade foi constituído por uma docente e duas discentes da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) vinculados ao curso de Agronomia, duas agentes do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do município, e por um grupo de mulheres rurais com histórico de atendimento pelo CRAS. A escolha de um grupo preexistente para atuação, parte do intuito de colaborar com processos de autonomia e combate às situações de vulnerabilidade que essas mulheres se encontram por meio de processos de aprendizado, além de justificar a importância dessa ação, na medida em que se trata de um problema real e que a sociedade local tem demandado ações pontuais.

Assim, foram realizadas duas oficinas com o grupo de mulheres rurais, compreendendo seis mulheres, um homem (marido de uma das integrantes) e uma criança (neta de uma das integrantes). Para as oficinas, foram convidados os demais integrantes das famílias, o que explica a presença de um homem e de uma criança. A faixa etária dos participantes adultos era de 42 a 68 anos. O propósito era de que as trocas se tornassem gatilhos de reflexão sobre a sua realidade, visto que ouvir a história do outro é um meio para repensar a própria. Essa escolha metodológica buscou incentivar o diálogo intergênero, permitindo que o aprendizado durante o treinamento fosse mais facilmente socializado no interior da família e da comunidade por meio de métodos participativos.

Todas as mulheres, as quais já participavam de atividades promovidas pelo CRAS, são casadas e têm filhos. Dentre elas, têm-se informações de que pelo menos duas sofreram abusos sexuais na infância e adolescência, e, em alguma medida, todas já apresentaram relatos e depoimentos de violência psicológica no âmbito familiar. Essas mulheres se identificam como donas de casa, realizam atividades produtivas nas propriedades, muitas vezes se auto definindo como “ajudantes” dos companheiros, mas assumindo a responsabilidade de educação e do cuidado com os filhos, do contexto domésticos com roupas, comida e higiene do ambiente familiar, além do cuidado com pequenas hortas e criação de alguns animais. A renda que cabe a elas advém de assistência do governo federal, para aquelas com filhos em idade escolar, e da dependência da renda gerada pelo marido na venda de produtos ou serviços. Nenhuma das mulheres comercializa produtos em específico.

De forma resumida, houve duas oficinas com as mulheres rurais, realizadas em espaço disponibilizado pela escola municipal, no qual o grupo de mulheres já vinha realizando encontros para o desenvolvimento de outras atividades. A primeira oficina consistiu na aproximação inicial. A segunda oficina teve três momentos. O primeiro contou com um cartaz contendo a pergunta: “O que te faz feliz?”. O segundo momento consistiu em processo de identificação de valorização do trabalho produtivo das mulheres, elencando todas as atividades realizadas por elas e, posteriormente, estabelecendo um valor monetário¹ para tais, a fim de refletir sobre o valor do trabalho realizado e oculto nos núcleos familiares pelos trabalhos remunerados.

O terceiro momento compreendeu a aplicação da técnica Café Mundial (World Café), que consiste em uma técnica de facilitação de diálogo desenvolvida em 1995, por Juanita Brown e David Isaacs. Essa ferramenta capacita grupos a terem acesso a uma inteligência colaborativa, que se torna cada vez mais

¹ A atividade envolveu a realização de cálculo do valor financeiro do trabalho das mulheres rurais, por meio de levantamento de todas as atividades realizadas por elas, entre as quais foram elencadas: preparar as refeições, realizar a limpeza da casa (do lar), lavar e passar roupa, cuidar de filhos/netos, cuidados com a horta e pequenos animais, etc. Após elencar todas as atividades que exercem, foi atribuído um valor estimado que seria pago a uma pessoa que realizaria a atividade correspondente utilizando como hipótese a ausência da mulher, chegando a uma estimativa do valor monetário do trabalho doméstico, comumente invisibilizada nos núcleos familiares



potente na medida em que as trocas de lugares e de conhecimentos acontecem (Brown; Isaacs, 2007; Fernandes, 2015). Para a promoção de espaço de coprodução de conhecimento, os participantes foram divididos em dois grupos, ambos munidos com canetas coloridas e giz de cera, para que desenhasssem sobre um cartaz entregue a cada grupo, contendo a seguinte pergunta: “Como era ser jovem, mulher e homem na época dos seus avós?”. A escolha de desenho ao invés da escrita se deve ao fato de que algumas das participantes não sabem escrever, ou apenas o fazem para o próprio nome. Os principais resultados alcançados foram identificados a partir dos diálogos construídos durante as atividades e as apresentações dos desenhos, os quais estão descritos e analisados na sequência.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados alcançados até o momento, podem ser entendidos sobre dois aspectos: da equipe coparticipante e do público envolvido. A respeito da equipe executora, pode-se destacar que a oportunidade dos espaços de leitura e diálogo prévio às oficinas oportunizaram especial amadurecimento das estudantes que vem atuando no projeto. Esse resultado torna-se essencial para ser tratado, na medida em que isso implica no perfil profissional desses jovens estudantes, que, por meio do compartilhamento de experiências e trajetórias, transformaram seu modo de ver o indivíduo, capacitando-as com olhar mais humano perante questões profissionais que virão a encontrar no mercado de trabalho. A esse respeito Esquivel Gámez *et al.* (2014, p. 414) – ao aplicar a técnica do Café Mundial em programas de estudos na área de Tecnologia de Informação (TI) –, concluem que a aproximação dos dois mundos estudados –a universidade e o mundo dos negócios –, “é vital para o aprimoramento das competências do graduado”, de modo que certamente aumentará as possibilidades de criar condições para o desenvolvimento do futuro profissional.

A respeito do público atendido, o especial interesse das mulheres nas oficinas pode ser constatado pela pronta resposta positiva quando o convite foi realizado, com especial interesse pelo aspecto do convite ser estendido para que seus companheiros e pessoas com quem dividem a casa participassem da atividade. Apesar da baixa adesão dos companheiros, as mulheres participaram com entusiasmo da atividade, compartilhando suas histórias e experiência.

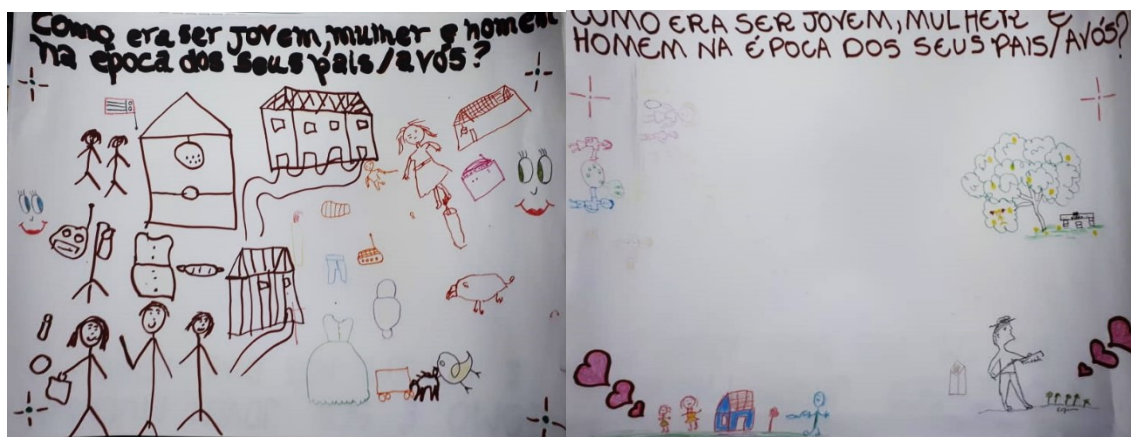
A primeira atividade da oficina, que consistiu em diálogo sobre “O que faz você feliz”, possibilitou que o grupo reunido, estudantes, agentes do CRAS, mulheres e um homem, vislumbassem as semelhanças e valores em comum. A preponderância dos laços familiares como mecanismo de reconhecimento social e a importância do trabalho, para o sentimento de inclusão e pertencimento, surgiram como principais valores apontados pelos participantes na dinâmica.

A segunda atividade visou obter um valor financeiro para o trabalho que atualmente realizam em seus núcleos familiares. A dinâmica resultou em mudança de postura das mulheres participantes durante a própria oficina, no sentido de sentirem-se valorizadas ao identificarem, por conta própria, e com a presença de outras pessoas da família, o valor do seu trabalho. Em revisão sobre o valor do trabalho produtivo e reprodutivo, Herrera (2017) aponta que reverter essa situação perpassa por arranjos institucionais formais e informais que atendam a espaços reprodutivos ocupados pelas mulheres rurais, como creches, escolas, hospitais, entre outros. Portanto, ao privilegiar a produção mercantil de bens e serviços, ficam invisibilizadas as atividades materiais e imateriais “dirigidas ao bem-estar emocional das pessoas, particularmente o trabalho familiar doméstico”, reforçando a necessidade de reinterpretar o entendimento de trabalho doméstico (Melo; Castilho, 2009, p. 154).

A esse respeito, os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNADc (IBGE, 2018) apontam que a taxa de realização de afazeres domésticos é de 92,2% para mulheres. A média de horas dedicadas aos afazeres domésticos e/ou aos cuidados de pessoas foi de 23,8 horas por semana para mulheres

e 12 horas para homens (IBGE, 2018). Na continuidade das atividades, os resultados da terceira dinâmica estão ilustrados na Figura 2.

Figura 2 – Resultado da oficina de desconstrução sobre “Como era ser jovem, mulher e homem na época dos seus pais/avós?”



Fonte: Registro dos autores durante as atividades de extensão

Entre os desenhos, as mulheres apresentam imagens que remetem a uma infância próxima de animais, da criação animal, de aprendizados domésticos (como fazer pão e cozinhar). Também ilustram os espaços que remetem à alegria, como a sombra de uma árvore, comer frutas, brincar com animais e com plantas.

Os resultados mostram, de maneira geral, uma infância, para muitas mulheres, marcada por violência física e psicológica, que mostram resquícios na personalidade atual, segundo elas mesmas, especialmente representado pelo medo e pelo silêncio. Isso é confirmado pelas expressões nos desenhos, que mostram pais com instrumentos de agressão, como no canto inferior da segunda imagem, em que a imagem de um boneco representando um homem com uma “soiteira” (instrumento feito com uma tira de couro bovino trançada, amarrada a um pedaço de madeira, utilizada mormente para manejar bovinos). No canto inferior da primeira imagem à imagem de três figuras representando pessoas, a segunda delas é um homem com uma “vara” para castigar e “educar”, segundo a mulher que realizou o desenho.

Entretanto, é fundamental entender como se reproduzem as assimetrias de poder baseadas no gênero, que aloca essas mulheres a situações de vulnerabilidade e oculta seu valor. O que os resultados apontam são trajetórias de opressão, aliado a casamentos que reproduzem experiências familiares anteriores. A existência desse grupo de mulheres e atuação do CRAS aponta a criação de medidas locais de combate a essa desvalorização. Mesmo assim, as profissionais relatam o desafio de dispor de uma equipe pequena, para a necessidade de um acompanhamento tão próximo, especialmente pelos relatos frequentes de violência e do quanto essas mulheres veem no grupo um espaço de acolhimento e de segurança.

Aliado a isso, nos desenhos são encontrados símbolos atrelados ao trabalho doméstico, especialmente, com poucas atividades que associam a infância com brincadeiras. Isso pode estar relacionado ao fato de a entrada como força de trabalho no meio rural ser precoce, normalmente ocorrendo entre os oito e dez anos de idade (Heredita, Garcia, Garcia Jr., 1984), associado ao encargo do desenvolvimento de atividade relacionadas às tarefas domésticas, como o cuidado da casa e dos irmãos mais novos, desde tenra idade. Em



particular, o olhar sobre a infância para o único homem participante da atividade consistiu em brincadeiras como caça e pesca, sem relação com trabalhos domésticos ou recordações de violência.

Sem dúvida alguma, o espaço de coprodução de conhecimento, por meio da troca de experiências durante as oficinas, permitiu que os envolvidos pudessem retomar suas próprias histórias de vida, o que muitas vezes acabou por despertar para memórias saudosas dos tempos passados, enquanto, em outros momentos, foram associados a lembranças dolorosas, e por vezes traumáticas, que ao serem compartilhadas puderam ser trabalhadas e ressignificadas. Diante disso, entre as mulheres observa-se que os aspectos que emergiram relacionam-se à penosidade do trabalho à época, a falta de oportunidade e de espaço de fala, e, os relacionamentos “arranjados”, muitas vezes abusivos. Para as mulheres, suas experiências na infância influenciam significativamente como agem hoje enquanto mães e avós. Para elas, atitudes que ofereçam segurança e liberdade de escolha para que suas filhas/netas possam escolher seus relacionamentos e tomar suas decisões profissionais, são medidas para protegê-las de passarem por situações que as oprimiram.

Portanto, nas oficinas os marcadores de gênero são pontuados nas reflexões dos envolvidos, de modo que as mulheres tendem a ressignificar um passado de vida marcado pelo trabalho, pela ausência de autonomia e de valorização, enquanto os homens tendem a assimilar a perda da hegemonia masculina. Perceber essas relações de gênero no discurso de homens e mulheres possibilita identificar elementos precursores da situação das mulheres em contextos rurais, bem como de criar alternativas que visem promover uma igualdade de gênero, em que tantos os sujeitos femininos quanto os masculinos percebam sua extrema importância na organização social e não a compreendam como uma ameaça a relações de poder historicamente estabelecidas.

Os resultados permitem explicar que na verdade “emponderar” mulheres não é necessariamente sinônimo de fixar mulheres e as meninas no campo, como dizia Paulo Freire (1987), é fundamental gerar condições para que elas possam escolher livremente, e de maneira informada, o que elas querem fazer para viver dignamente (no campo ou na cidade). Assim, emponderar compreende processos que permitam que as mulheres possam viver a vida da forma que almejam, sem balizas impostas pela opressão de gênero e patriarcal, como refletido por Cecília Sardenberg (2006). Tais resultados vão ao encontro da análise e projeção que os participantes apresentam ao analisar a vida adulta no passado, a realidade atual e a projeção, especialmente para filhos(as) e netos(as). Após todas as atividades realizadas, ao fim do encontro as mulheres apresentaram postura distinta, com entendimentos compartilhados sobre a necessidade de as filhas estudarem e poderem escolher seu destino dentro das condições disponíveis, uma vez que as regras que orientavam o futuro no passado as regem com menor intensidade quando comparados com suas mães e avós.

CONCLUSÃO

Por meio da observação participante, a pesquisa teve como propósito analisar, a partir da atuação junto a mulheres rurais, o processo de coprodução de conhecimento para a valorização produtiva dessa categoria social. Por isso, para uma participação mais equitativa das mulheres rurais, assim como para as famílias em geral, o acesso à informação por meio de redes de diálogo, que gerem confiança e favoreçam a cocriação de soluções, mostra-se como uma chave para incentivar a permanência desse público no meio rural.

A hipótese norteadora da observação participante resultante do projeto de extensão é a de que quando dadas as oportunidades de co-construir ou coproduzir soluções de maneira participativa e em um ambiente propício, às mulheres historicamente marginalizadas no campo conseguem articular e expressar seus desafios e visualizar futuros desejáveis, incluindo caminhos para alcançar esse futuro de maneira livre e



informada. Os resultados permitem confirmar essa hipótese, na medida em que as mulheres vivenciam e executam essas premissas nos espaços de diálogo estabelecidos.

O uso de metodologias participativas para estabelecimento de espaço de coprodução de conhecimento tem cultivado importantes sementes, que fomentam reflexões nos núcleos familiares e, especialmente, nas mulheres rurais a respeito do seu protagonismo e importância. Romper com crenças e padrões socioculturais é desafiador, e nosso desafio é incentivar novas formas de olhar o protagonismo feminino em meio ao contexto rural.

Embora a preocupação central, ao longo desta discussão, seja a de explorar o potencial das redes de diálogo como ferramenta de superação do lugar de marginalização ocupado por essas na estrutura rural, é importante esclarecer que as relações sociais e de gênero não são estáticas e hierarquizadas nesses contextos rurais, uma vez que se modificam conforme aspectos sociais e culturais. Notoriamente, a estrutura patriarcal enraizada no meio rural faz com que as mulheres estejam submetidas a questões como invisibilidade de sua força de trabalho, ausência de tomada de decisão, bem como a fatores de acesso à educação e até mesmo de casamento, mas seria errôneo as análises se limitarem a oprimidos e opressores. Portanto, as recomendações são para o fomento de ações e políticas que propiciem espaços para que as mulheres possam ressignificar, por meio da coprodução de conhecimento, seu papel na sociedade e no núcleo familiar. Mais do que isso, a necessidade desse diálogo ocorrer, inclusive, com os homens que, devido às estruturas históricas que os orientam, às incentivam a permanecerem na situação de invisibilidade do seu valor produtivo e reprodutivo.

As ações de extensão nas universidades têm possibilitado o reconhecimento da UTFPR em ações que visam atuar em problemas reais, demonstrando que o profissional agrônomo que atua em ações de extensão participativa é diferenciado na medida em que tem olhar holístico sobre o rural ao reconhecer a importância de aspectos socioculturais e de categoriais sociais produtivas comumente marginalizadas e invisibilizadas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Santa Helena/PR, em particular às assistentes sociais Andreia Henrichs e Nágila Goeller, e à UTFPR pela bolsa concedida. Agradecimento especial às mulheres rurais e suas famílias, que aceitaram participar das oficinas e compartilhar suas histórias conosco.

REFERÊNCIAS

AMORIM, E.O.; FIÚZA, A.L.C.; PINTO, N.M.A. Mulher e trabalho no meio rural: como alcançar o empoderamento? **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia-MG, v. 28, n. 1, Jan./Jun. 2015.

BROWN, J., ISAACS, D. **O World Café**: dando forma ao nosso futuro por meio de conversações significativas e estratégicas. São Paulo: Cultrix, 2007.

BUTTO, A.*et al.* **Mulheres rurais e autonomia**: Formação e articulação para efetivar políticas públicas nos Territórios da Cidadania. São Paulo: Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), 2014. 132 p.

COSTA, C.; MARIN, J.O.B. (Org.). **Gênero e campesinato no Sul do Brasil**: dominação masculina e transformação. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora CRV, 2018.



COURDIN, V., LITRE, G., CORREA, P. Desarrollo sostenible y transformaciones en la organización del trabajo femenino rural: el caso de las mujeres ganaderas del Uruguay. **Sustentabilidade Em Debate**, v. 5, n. 2, p. 55-75, 2014. DOI: 10.18472/SustDeb.v5n2.2014.10714

ESQUIVEL GÁMEZ, I. *et al.* Aplicación de la dinámica grupal Café Mundial, a la actualización de un programa de estudios del área de TI. **Academia Journals**, San Antonio, Texas, v. 6, n. 4., p. 409-414, sep. 2014.

FERNANDES, M.E.S.A.C. **O World Café e o aprendizado pelo diálogo**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HEREDIA, B., GARCIA, M.F., GARCIA JUNIOR, A. O lugar da mulher em unidades domésticas camponesas. In: AGUIAR, N. **Mulheres na força de trabalho na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1984.

HERNÁNDEZ SAMPIERI, R. *et al.* **Metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

HERRERA, K.M. Repensando o valor social do trabalho das mulheres rurais. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11., 2017, Florianópolis, **Anais...** Florianópolis: Mundos de Mulheres, 2017.

HERRERA, K.M. Rompendo dicotomias: o cotidiano do trabalho das mulheres rurais. **Raízes - Revista De Ciências Sociais e Econômicas**, Campina Grande, PB, v. 39, n. 1, p. 63-79, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADc)**. Outras formas de trabalho 2018. Rio de Janeiro: IBGE. 16p. 2018. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101650_informativo.pdf

LISBOA, T.K., LUSA, M.G. Desenvolvimento sustentável com perspectiva de gênero – Brasil, México e Cuba: mulheres protagonistas no meio rural. **Revista Estudos Feministas**, v. 18, n. 3, p. 871-887, 2010.

LITRE, G. Scientific Uncertainty and Policy Making: How can Communications Contribute to a Better Marriage in the Global Change Arena?. In: BRAIMOH, A.K., HUANG, H.Q. (Org.). **Vulnerability of Land Systems in Asia**. 1ed., Chichester, West Sussex, UK; Hoboken, NJ: Wiley Blackwell. p. 311-319, 2015.

MELO, H.P.; CASTILHO, M. Trabalho reprodutivo no Brasil: quem faz? **R. Econ. contemp.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 135-158, jan./abr. 2009.

MORAES, M. **História Oral, Memória e Geração**: narrativas de mulheres rurais do município de Lagoão-RS (1942-2019). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2020.



SEI-SICITE 2021

Pesquisa e Extensão para um
mundo em transformação

XI Seminário de Extensão e Inovação
XXVI Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica
08 a 12 de Novembro - Guarapuava/PR



ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. Nações Unidas Brasil. ONU Mulheres. FAO lança quarta edição da campanha ‘Mulheres Rurais, Mulheres com Direitos’. Publicado em 08/03/2019. Disponível em: <http://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/1184620/>

SALES, C.M.V. Mulheres Rurais: Tecendo Novas Relações e Reconhecendo Direitos. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 437-332, mai/ago. 2007.

SARDENBERG, C.M.B. Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista. In: Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres – Projeto TEMPO, 1., Salvador, Bahia. **Artigos Publicados em Periódicos (PPGA)**. Slavador, 2006. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6848>

SILVA, M.R. *et al.* Mulheres do Sertão: avaliação dos impactos do Pronaf Mulher para a autonomia feminina do Semiárido Cearense. In: CHACON, S.S., NASCIMENTO, V.S., LIMA JÚNIOR; J.F. (Org.). **Participação, Protagonismo Feminino e Convivência com o Semiárido**. 1 ed. Rio de Janeiro: Garamond, IABS, 2015. p. 11-34, 2015.

SPANEVELLO, R. M.; FAGUNDES, C. C.; MATTE, A.; BOSCARDIN, M. Contribuições do acesso ao crédito rural: uma análise entre mulheres no norte do Rio Grande do Sul. **Revista Grifos**, v.30, p.212 - 235, 2021.

SPANEVELLO, R.M., MATTE, A.; BOSCARDIN, M. Crédito rural na perspectiva das mulheres trabalhadoras rurais da agricultura familiar: uma análise do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). **Polis** (Santiago. en línea), v. 44, p. 1-15. 2016.